

## Casa Fiat de Cultura

Mostra virtual "Na boca da mata Ah", da artista Carolina Botura, convida o público a refletir sobre o meio ambiente

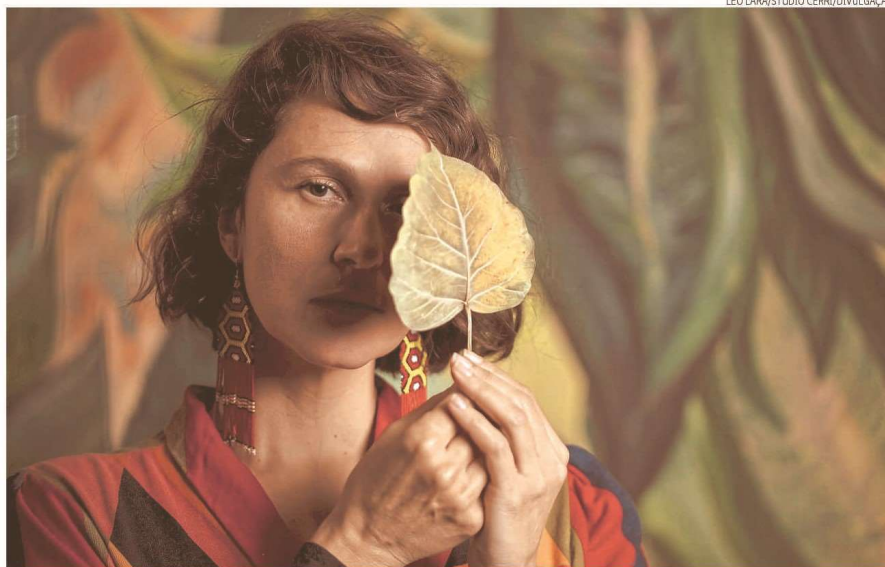
# O encantamento pela natureza

■ PATRÍCIA CASSESE

O nome da exposição que a jovem artista plástica Carolina Botura, selecionada no 4º Programa de Seleção da Piccola Galleria da Casa Fiat de Cultura, recém inaugurada no espaço que integra o Circuito Liberdade, surgiu exatamente no meio do processo de uma das pinturas que compõem a iniciativa. "Notei que as estruturas que estavam nascendo estavam todas abertas, e me veio à mente um verso de um poema de 2017, do meu livro 'Parque', que é 'Na boca da mata Há'. Na hora, já vi aquele 'h' invertido, dando a sensação de boca aberta, que também remete a uma sonoridade de prazer, contemplação, além de manter a força do verbo haver, dizendo que ali existe".

Surgia, assim, "Na boca da mata Ah", título que entra em cena convidando o público a refletir sobre o que a artista de 29 anos, nascida em Botucatu, São Paulo, considera ser uma das questões atuais mais importantes: a relação com o meio ambiente.

"Mas me ocorreu também aquela cena de quando vamos a uma consulta e a doutora diz: 'Abra a boca e diga: Ah'. É uma forma de ver dentro, de examinar. Abrindo a boca nos alimentamos. O 'Ah', aqui, funciona como uma sonoridade mágica de acesso aos portais das plantas que são estruturas fluidas, abertas e totalmente permeáveis", ex-



LEO LARA/STUDIO CERRI/DIVULGAÇÃO

**Descobertas.** A artista conta que, em uma relação de muita escuta, cada pintura vai revelando de onde vem e como quer ser pintada

plana. E por falar em portal, um grande, de sementes, além de três pinturas a óleo e uma instalação 3D navegável compõem a experiência, que poderá ser apreciada até 26 de setembro virtualmente. Além de um tour virtual que estará disponível no site (casafiat.com.br), serão oferecidas visitas virtuais mediadas (transmissão ao vivo), com inscrições gratuitas pela Sympla.

**CONEXÃO.** Indagada sobre o entrelaçamento de sua arte com a questão ambiental, Carolina diz que nem foi algo pensado. "Sou amante da natureza e me mantenho conec-

tada a ela; ela que somos nós. A preocupação ambiental, na verdade, vai além do trabalho artístico. É um problema social. Nos meus processos, procuro me manter aberta para poder funcionar como um canal para o que pode/precisa ser dito, mesmo que seja o que eu não conheço, a minha razão ou o meu desejo individual apenas. A imagem da onda parece ilustrar bem isso, antes de se formar ela recua", elabora.

A inspiração, acredita ela, habita uma entrega que tem a ver com a retirada de si e a imersão total e não dissociada do presente. "Assim,

eu acabo falando de coisas que tocam tanto na coletividade quanto na intimidade. Nesse caso, eu comecei a fazer verdes e segui fazendo-os, inicialmente com pinturas mais gráficas e chapadas. As folhas foram surgindo naturalmente, e de repente eu já era folha e estava na floresta densa com os elementais. Como uma planta, eu me tornava o que imaginava, um movimento simultâneo, um silêncio, ou seja, o entendimento de que a natureza não é algo que nomeamos fora de nós. Nós somos o meio ambiente junto e misturado com as plantas, os animais, as estrelas", pontua.

### Programa-se

#### Exposição virtual "Na boca da mata Ah" - Carolina Botura

Em cartaz até 26 de setembro no site (casafiat.com.br) e nas redes sociais da Casa Fiat de Cultura

#### Visitas virtuais com mediação online:

19 de agosto, às 16h  
26 de agosto, às 19h  
2 de setembro, às 16h  
9 de setembro, às 19h  
16 de setembro, às 19h  
23 de setembro, às 19h, com tradução simultânea em Libras  
Inscrições gratuitas pela Sympla

### Reinvenção

## Novas maneiras de expor o trabalho

⊕ Sobre o impacto da pandemia na mostra, Carolina lembra que o fato de ela ser realizada no âmbito virtual a levou a pensar numa obra que chegasse diretamente ao público, não somente o registro dela. "Há alguns anos, eu tinha projetado uma jangada de cristais de vidro que ficaria flutuando na lagoa da Pampulha. Era algo difícil de realizar, daí pensei que virtualmente seria possível. Então, pensei nos artistas da Abstrato, Marcelo Padovani e Sandro Miccolli, que são feras no 3D, e propus o trabalho, conceito e idealização, que foram crescendo e se desenvolvendo de uma forma maravilhosa e cooperativa".

Artista também quis introduzir, nesse espaço/cultura, uma peça sonora, elaborada (e tocada) pelos músicos Thiago Miotto e Henrique Iwao, além dela própria. "Está sendo uma experiência maravilhosa e me parece um projeto daqueles infinitos, com o qual estamos muito animados em seguir desenvolvendo. Espero que seja o primeiro de muitos", vaticina. (PC)

**Arte urbana.** Localizada na fachada do Edifício Príncipe de Gales, no Centro, pintura vem sofrendo desgaste

## Mural "O Abraço", do artista DMS, vai ganhar retoques

■ ALEX FERREIRA

Uma das obras de muralismo mais reconhecidas de Belo Horizonte, "O Abraço", do artista mineiro Davi Melo Santos, o DMS, vai ganhar retoques a partir desta segunda-feira (16). Estampada na lateral do Edifício Príncipe de Gales, na Rua dos Tupinambás, 179, no Centro, a pintura vem sofrendo uma deterioração acelerada ao longo dos anos por causa de problemas na infraestrutura do prédio e por isso vai pas-

sar por um processo de resgate pelas mãos de seu autor.

"Esse ajuste é uma forma de quitar o débito que temos com o público. Me sinto no dever de dar nova vida a esse trabalho e fico honrado em poder estar subindo outra vez nos andaimes para repintar esse meu abraço na cidade", explica o artista.

A ideia do restauro é um sonho antigo dos organizadores do Circuito Urbano de Arte (Cura), projeto artístico que há quatro anos vem



ÁREA DE SERVIÇO/DIVULGAÇÃO

"O Abraço" é um dos murais mais emblemáticos do Centro de BH

transformando muros e o exterior de edifícios de BH em verdadeiras telas urbanas a céu aberto.

**AQUECIMENTO.** Numa espécie de "aquece" da versão 2021 do Cura - que deve acontecer no mês de outubro deste ano -, os organizadores decidiram que era a hora de convidar DMS para recondicionar sua tela, que foi inicialmente pintada no local em dezembro de 2017 durante as celebrações dos 120 anos

da capital mineira.

"Esse reparo vem num momento muito especial, numa hora de esperança, quando estamos sonhando com um abraço - que é exatamente o que a obra do DMS representa. Um abraço do bem viver que nos conecte ao passado e nos mostre um caminho para construir um futuro onde este gesto singelo e forte seja a metáfora da nossa sociedade", explica Janafina Macruz, idealizadora e curadora do festival.